

A Cidade de Ugarit: Contribuições para o Estudo da Religião do Antigo Israel¹

Rogério Lima de Moura²

RESUMO

Esse artigo propõe apresentar resumidamente o sítio da antiga cidade cananeia de Ugarit, sua história e sua religião. Apontaremos a relevância do estudo do panteão das divindades encontradas nos manuscritos dessa cidade para a pesquisa da religião do Antigo Israel. Nosso enfoque comparativo demonstrará que Israel participou abertamente da religiosidade do Antigo Oriente Próximo.

Palavras-chave: História da Religiões. Ugarit. Antigo Israel.

ABSTRACT

This article intends to briefly present the site of the ancient Canaanite city of Ugarit, its history and religion. We will point out that studying the deities pantheon mentioned in the Ugarit manuscripts is relevant to the research of Ancient Israelite religion. Our comparative approach will demonstrate that Israel openly participated in the religiosity of the Ancient Near East.

Keywords: History of Religions. Ugarit. Ancient Israel.

¹ Parte do conteúdo desse artigo foi apresentado oralmente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na XV Semana de Ciências Sociais: Desigualdade no Brasil e no Mundo.

² Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

Escavações e descobertas dos textos de Ugarit³

As escavações em Ugarit (moderna Ras Shamra) começaram sob a direção de Claude Schaefer e seus sucessores em 1929, após a descoberta de uma galeria funerária no minúsculo porto de Minete el-Beida, e logo em seguida a atenção se voltou para a região montanhosa, Ras Shamra, a 1km ao leste de Minete el-Beida. Escavações prosseguiram durante os anos subsequentes, somente interrompidas no período da II Guerra Mundial. Os escavadores descobriram documentos principalmente no palácio e nos templos que ficavam nessa região, embora alguns textos fossem encontrados em residências de pessoas provavelmente importantes dessa antiga cidade.

Alguns textos ugaríticos foram descobertos em Ras Ibn Hani (cujo antigo nome é *B'ir*), a 3 milhas ao sul de Ras Shamra. Poucos pedaços de textos escritos no alfabeto ugarítico foram encontrados também ao oeste da região mediterrânea: em Chipre (Hala Sultan Tekke), na Síria (Tell Sukas; Kadesh; Kumidi, próxima a Damasco), no Líbano (Sarepta) e em Israel (Monte Tabor, Taanach; Beth-Shemesh).

Na região de Ras Shamra, se encontravam dois grandes templos dedicados a *Baal* e *Dagon*, localizados ao noroeste da cidade. A área real ocupava boa parte da área noroeste da cidade, cerca de 10.000 metros quadrados. Ficava isolada do resto da cidade e protegida por fora por uma fortaleza. O palácio serviu como residência real e centro administrativo da cidade.

A região residencial não deixa evidências de ter sido projetada com organização e planejamento. Embora houvesse uma via principal para trafegar, não parece ter havido locais especiais e planejados para residências e comércio, pois casas luxuosas estão próximas a lugares destinados a comércio e a residências mais modestas. A cidade continha artesãos de todo o tipo. Havia trabalhos com argila, couro, pedra, madeira e tecidos. Os vários textos encontrados sugerem várias escolas de escribas, que desenvolveram a escrita para uso funcional e intelectual.

Os arquivos encontrados em Ugarit sugerem muitas escolas de escribas espalhadas e ativas pela cidade. Digno de nota a esse respeito é a quantidade de arquivos encontrados na área residencial a leste do palácio e na parte sul da cidade, onde 470 textos foram descobertos, incluindo 200 textos escolares que continham o alfabeto,

³ Sobre as escavações e a história da cidade de Ugarit ver: SCHNIEDEWIND, William M; HUNT, Joel H. **A Primer on Ugarit: Language, Culture and Literature**. Cambridge: University Press: 2007, p. 5- 27.

catálogos lexicais e gramaticais e catálogos de deuses. Foram achados também cópias do Épico de Gilgamesh e da história mesopotâmica do dilúvio, os quais são típicos textos estudados no Antigo Oriente Próximo.

Mais recentemente, também na região sudeste da cidade, escavações permitiram descobrir um amplo arquivo de mais de 200 tabletes, incluindo um incomum alfabeto, um documento lexicográfico trilingue (ugarítico, acádico e hurrita), e um fragmento do Épico de Gilgamesh. Esses dados sugerem que Ugarit serviu como um centro destacado de ensino de escribas no Levante, pois sua posição geográfica no Antigo Oriente e sua população cosmopolita favorecia essa função.

17 bibliotecas foram localizadas e mais de 1500 textos no sítio de Ras Shamra. A maioria dos textos descobertos em Ugarit foi no palácio real, e estavam localizados no complexo oeste. Foram encontradas 8 bibliotecas com mais de 1000 textos escritos em língua acádica e ugarítica, além de poucos textos hurritas e hititas.

135 textos foram descobertos na residência do sumo sacerdote da região, localizado entre o templo de *Baal* e *Dagon* ao leste da acrópole. Os textos são de cunho religioso, incluindo 24 tabletes contendo os famosos épicos da literatura de Ugarit (Keret, Aqhat, Ciclo de *Baal* e o texto Refaim).

Alguns desses textos foram escritos por um escriba denominado Ilimilku, que aparentemente foi estudante do sumo sacerdote Attenu, conforme testificado no fim do épico “Ciclo de *Baal*”. Embora muito desses textos encontrados na residência do sumo sacerdote estavam escritos em ugarítico, havia também alguns textos que serviam como catálogos lexicais em acádico, sumério e em hitita, assim como vários textos religiosos em hurrita.

História de Ugarit

Ugarit teve uma longa história. Os antigos assentamentos dos sítios datam do período neolítico (6500 AEC) e continuou até aproximadamente o fim da Idade do Bronze tardia quando se tornou um centro comercial próspero. Antes da descoberta do sítio na antiga Ugarit, estudiosos só conheciam seu significado e existência através dos arquivos de Amarna escavados no Egito e em Boghaskoy na Ásia Menor.

A fase mais importante da história de Ugarit começa aproximadamente em 1900 AEC. A Lista de Reis de Ugarit (KTU 1.113)⁴ e a literatura épica, fornecem informações sobre o crescimento nesse período de tribos de pastores semi – nômades na estepe mesopotâmica conhecidos como Amoritas, que se estabeleceram em Ugarit e iniciou uma nova fase em sua história. A fundação da dinastia real ugarítica até a sua destruição são traçadas dessa expansão amorita. A prosperidade de Ugarit nesse tempo foi comparada aos grandes reinos do Antigo Oriente. Primeiro o reino de Mari no primeiro milênio AEC, depois o Egito, e finalmente o reinado hitita.

Mari foi particularmente um importante sítio no médio Eufrates que prosperou sob os amoritas no segundo milênio AEC. Nesse período, Ugarit foi também um centro comercial para os faraós da XII e XIII dinastias. Diversas estátuas do reinado médio escavadas em Ugarit testificam a função da cidade como portão comercial egípcio para a Mesopotâmia e o império babilônico. Não há informações a respeito de uma presença militar egípcia em Ugarit nesse período.

Durante o período do reinado dos Hicsos no Egito (1674–1567 AEC) os hurritas ganharam o controle de Ugarit, e a cidade manteve abertas relações com o reinado de Mitanni no norte da Síria. Os reis hurritas romperam os vínculos com os egípcios enquanto buscavam aumentar o relacionamento com Ugarit e a Mesopotâmia. Nesse tempo, a cidade de Ugarit sofreu um período de declínio.

Iniciando-se com a XVIII dinastia durante o reinado tardio, o império egípcio se reafirmou no norte da Síria. A campanha militar egípcia estendeu-se até ao norte do Eufrates, e o relacionamento de Ugarit com o Egito foi restabelecido. No tempo de Amenófis II (1440 AEC) uma guarnição egípcia foi posta em Ugarit. Diversas cartas de Amarna foram escritas de Ugarit ao Egito (1350 AEC).

Ganhando com a prosperidade e estabilidade do reinado egípcio, Ugarit experimentou um momento de crescimento e prosperidade entre o XV ao XIV séculos AEC, e esses séculos representaram o auge e a idade de ouro da cidade. É nesse período que a literatura ugarítica começa a florescer. Os estudiosos afirmam que a literatura épica de Ugarit, a qual foi transmitida oralmente por séculos, foi escrita durante o reinado de Niqmaddu II (1350 AEC).

⁴ KTU é a sigla de: Keilalphabetischen Texte aus Ugarit in: LETE, Gregorio Del Olmo. **Mitos y Leyendas de Canaan Segun la Tradicion de Ugarit**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981. Todos os textos ugaríticos citados nesse artigo são dessa edição espanhola. A tradução para o português é nossa.

A lista de reis de Ugarit abaixo mostra-nos uma tradição dinástica:

Ammistamru I – 1350 AEC

Niqmaddu II – 1350– 1315 AEC

Arhalbu– 1315 – 1313 AEC

Niqmepa– 1313 – 1260 AEC

Ammistamru II – 1260– 1235 AEC

Ibiranu– 1235 – 1225/20 AEC

Niqmaddu III – 1225/20– 1215 AEC

Ammurapi – 1215–1185 AEC

Em 1350 AEC, o rei de Hatti, Suppiluliuma conquistou o reino de Mitanni. Nesse tempo, Ugarit se tornou vassalo do reinado hitita, pagando pesados tributos e conseqüentemente, teve a ajuda dos hititas para se desenvolver como centro comercial. Suppiluliuma concedeu a Ugarit muitas cidades que estenderam as fronteiras do reinado ugarítico, possivelmente até o Leste do Rio Orontes.

Os soberanos hititas em Carquemish serviram como intermediários entre os monarcas superiores hititas e os governantes de Ugarit. Os comerciantes hititas tiveram privilégios especiais na cidade, incluindo isenção de taxas.

Soldados de Ugarit também lutaram ao lado dos hititas contra Ramsés II na batalha de Kadesh (1276 AEC). Ugarit controlou a situação de maneira a não afetar as relações amistosas que tinha com o Egito. Uma estela mostra que um escriba real egípcio foi nomeado para estar na corte real ugarítica. Ugarit aparentemente serviu como um “tampão” para diminuir as rivalidades entre a Mesopotâmia e o Egito durante esse período, e prosperou como porto neutro e canal do comércio internacional. Uma carta do rei de Tiro para o rei de Ugarit ilustra a prosperidade e riscos do florescente comércio marítimo desse período (KTU 2.38).

A destruição de Ugarit geralmente é atribuída aos povos do mar no XII século AEC. A civilização mercantil de Ugarit dificilmente ficou condizente aos violentos ataques dos povos do mar, porém a desintegração da economia e do palácio templo da cidade começaram antes das migrações dos povos do mar na região. O fim do período tardio da Idade do Bronze foi marcado por um processo geral de “ruralização” que minou a manutenção da economia urbana e acelerou o fim de Ugarit, assim como de outros reinos da Idade do Bronze tardia.

Vida na antiga Ugarit

A cultura ugarítica foi complexa. A cidade foi ao mesmo tempo, um porto comercial do mediterrâneo, uma cidade–estado do oeste semítico vassalo dos hititas e uma população do noroeste semítico do mundo de língua cuneiforme. Qualquer análise que fizermos, seja estudarmos nomes pessoais, linguagem, religião ou a cultura material, Ugarit vai aparecer como uma eclética mistura das culturas cananeias, sírias, egípcias, mediterrânea e mesopotâmica. Ugarit prosperou ao se tornar um lugar de encontro dos povos do Antigo Oriente Próximo (KTU 1.40 VII, 35–43).

A economia de Ugarit foi dominada pelo mar ao lado do comércio de importação e exportação. A cidade desenvolveu indústrias que foram formadas devido a sua localização em região marítima, assim como tintura de tecidos manufaturados e construções de navios. Também desenvolveu indústrias de artesanatos relacionados com o seu comércio de materiais bruto e utensílios de cobre. A fertilidade das regiões altas da cidade foram também exploradas para desenvolver o comércio de grãos e óleo.

No período do XV ao XIV séculos AEC um certo desequilíbrio e conflitos de interesses ocorreu entre os maiores poderes da região, ou seja, Egito, Hititas, Mitanni, Babilônia e Assíria. Devido a sua boa localização, Ugarit serviu como um Estado neutro entre essas grandes potências e seus interesses comerciais. O crescimento de Ugarit nessa conjuntura reflete uma experta manipulação da localização geográfica da cidade para obter vantagens econômicas.

O cabeça do Estado de Ugarit foi o rei, e ele era legitimado por divindades. O relacionamento especial que o rei tinha com os deuses, particularmente com *El*, é visto no Épico de Keret. O rei foi o principal representante na religião ugarítica, podendo fazer sacrifícios no templo (KTU 1.119). Ele também tem obrigações e responsabilidades em defender o pobre, a viúva, o órfão e os abatidos (KTU 1.17,6–8). Membros da família do rei exercia controle nas instituições seculares e religiosas, particularmente nos sumo sacerdotes.

A vida familiar em Ugarit foi patriarcal, no qual homens podiam ter mais de uma esposa. As esposas não tinham status iguais. A primeira esposa tinha o título de “grande mulher”. Da mesma forma, os filhos não tinham status igualitários, sendo chamados de servo, filho ou jovem guerreiro. Filhas eram classificadas como servas ou “irmã mais velha”. Essas designações refletem o estado social de livres ou escravos do

menino e da menina, herdado por herança. Os títulos “jovem guerreiro” e “irmã mais velha” são títulos grandiosos para um filho ou filha.

Em Ugarit, da mesma forma que em Israel, foi possível conferir o direito de primogenitura para uma jovem criança (KTU 1.15 III,16). Mulheres, especialmente da família real, poderiam ser colocadas em posições de proeminência, como vemos nas correspondências das rainhas de Ugarit (KTU 2.11; 2.12; 2.13; 2.16; 2.30).

A religião de Ugarit

A religião ugarítica foi formada por várias categorias de divindades, e cada divindade correspondia à forma como o universo e os espaços físicos eram vistos⁵. Cada divindade corresponde a um reino cósmico e espacial do universo como interpretada pela população de Ugarit. Nessa estrutura, em termos de divindades, existe divisão entre divindades benéficas, que são representadas antropomorficamente, e divindades maléficas, que são representadas em formas monstruosas, como veremos a seguir, para exemplificar, dois textos de Ugarit. O primeiro descreve *Tunannu*, um inimigo cósmico, como uma serpente com sete cabeças:

KTU 1.3 III,40–42

Certamente eu a amarrei e a destruí (?)
Eu lutei com a serpente sinuosa,
uma potestade com sete cabeças.

Da mesma forma, o segundo texto descreve *Mot* lembrando *Baal* da luta em que o deus da tempestade derrotou *Leviatã* em termos muito parecidos:

KTU 1.5 I 1–3

Você matou Litan, a Serpente Voadora,
Aniquilou a Serpente Sinuosa,
Uma potestade com sete cabeças.

Essa distinção entre caos e ordem, deidades benéficas e deidades destrutivas diferenciava, a partir da elite urbana de Ugarit, o centro (ou o lar) e a periferia. Assim, tudo que é urbano, cultivado e cultural, é diferenciado por oposição ao não cultivado, não cultural e periférico. Nessa concepção, o centro significa a ordem simbólica das

⁵ Sobre a estrutura das divindades de Ugarit, ver: SMITH, Mark, S. **O Memorial de Deus: História, Memória e a Experiência do Divino no Antigo Israel**. São Paulo: Paulus, 2006, p. 134-150.

coisas e dos valores da sociedade. Em Ugarit, como já demonstrado em nossa pesquisa, foi centro cultural de produção de textos, da administração e do ritual.

No centro se encontra a casa, que expressa ao mesmo tempo à proteção familiar e os conflitos domésticos, e também se encontra a terra, patrimônio familiar. A periferia se apresenta como zona de transição entre o centro e as regiões distantes do cosmos, locais de difícil acesso para a experiência humana. Podemos também acrescentar em conjunto com o centro e a periferia, as regiões que vão além da periferia. A distinção entre o centro e a periferia é expressa por termos agrários como semear versus a estepe. Podemos verificar essa distinção em um texto ugarítico⁶:

KTU 1.23,65–69

Oh filhos! Ali produziu!
Fiz uma sagrada oferenda
no meio do deserto,
ali a permanência é curta
e existem dificuldades no meio de rochas e arbustos.
Por sete anos completos
oito ciclos de duração,
os graciosos deuses andaram sobre a estepe,
eles procuraram até as extremidades do deserto,
os dois encontraram-se com o guarda da semente
e os dois gritaram ao guarda da semente:
Oh guarda, Oh guarda, Abra!
E o próprio guarda abriu uma abertura para eles
E os dois entraram.

De acordo com esse texto, a semente contém alimento em abundância e vinho:

KTU 1.23,70–76

Se [ali existe para nós a]limento
dê-nos para que possamos comer!
Se ali [para nós existe vinho]
dê-nos para que possamos beber!
E o guarda da semente respondeu para eles:
[existe comida para alguém que... (?)]
existe vinho para todos que entram... [...]
...ele próprio aproximou-se
ele serviu um pouco de seu vinho
e suas companhias[saciaram-se] com vinho

O mapeamento das divisões do espaço cósmico e divino é feito pela separação entre deidades e demônios. Deidades habitam lugares próximos do cultivo e das pessoas, enquanto demônios ou monstros não. As deidades possuem lugar de culto e

⁶ Ver: SMITH, Mark S. **The Ritual Myths of the Feast of the Goodly Gods of KTU/CAT 1.23: Royal Constructions of Opposition, Intersection, Integration and Domination (Resources for Biblical Studies)**. Atlanta: Society of Biblical Literature, (n° 51), 2006.

montanhas sagradas, e vários textos de Ugarit demonstram isso: *El* no Monte *Ks*, *Baal* no monte *Safon* (KTU 1,100,9), *Anat* e *Attart* no monte *'inbb* (KTU 1.100,20), etc. Os inimigos cósmicos geralmente não possuem montanhas sagradas. As montanhas apontam para o nível celestial onde as divindades vivem. O deus *Mot* é uma exceção à regra, pois para chegar à montanha na qual a deidade mora, os mensageiros dos deuses precisam levantar a montanha para descer ao submundo e encontrar *Mot*.

No nível cósmico e vertical, as deidades benéficas habitam o céu, enquanto as forças monstruosas e demoníacas habitam o submundo ou o oceano cósmico. Mais especificamente, os reinos são divididos pelas divindades *Baal*, *Yam* e *Mot*. *Baal* governa o céu, *Yam* o mar, e *Mot* o submundo.

Em contraste com o centro, a estepe é caracterizada como uma região de rochas e arbustos. A estepe se caracteriza como lugar de perigo e transição. É nessa região que vão surgir os inimigos de *Baal*, o deus da fertilidade, para confrontá-lo.

Entre as divindades benéficas de Ugarit, podemos identificar níveis de hierarquia entre os deuses. No topo, temos um deus que reina e sua rainha consorte. Abaixo, temos as outras divindades que servem ou são subordinadas às divindades chefes do panteão. Segundo esse esquema, podemos separar os níveis do panteão ugarítico em:

A alta autoridade do panteão

Deuses de maiores destaques

Deuses artesãos

Deidades mensageiras⁷

Essa ideia básica familiar inclui o patriarca e sua esposa, seus filhos e familiares, assim como trabalhadores e escravos. A linguagem monárquica encontrada nos relatos envolvendo as divindades de Ugarit claramente reflete a casa monárquica.

A mais alta posição é ocupada por *El*, que é pai dos deuses, que preside o panteão e promulga decretos. Quando analisamos a literatura ugarítica, percebemos que através de seus epítetos, *El* foi visto como o deus criador por excelência:

KTU 1.4 II, 11

⁷ Ver a função burocrática dos deuses de Ugarit no estudo de: HANDY, Lowel K. **Dissenting Deities or Obedient Angels: Divine Hierarchies in Ugarit and the Bible**. *Biblical Research*, 35, 1990, p 18-35.

Ela rogou ao touro El,
O deus da misericórdia,
Ela suplica ao criador das criaturas.

Outro exemplo se encontra em KTU 1.6 III, 5:

No sonho do benigno,
de El, o misericórdioso,
Na visão do criador das criaturas.

Percebemos nesses epítetos não só a característica de criador das criaturas em *El*, mas também o caráter de “misericórdioso”⁸.

Como criador, *El* permanece como cabeça do panteão cananeu, e como pai dos deuses:

KTU 1.123,1

(Salve), óh pai e o (resto dos) deuse[s]!
(E) salve, salve, ó E [I (...)]!
[S]alve, óh El, o príncipe!

Como seus filhos, os deuses são na coletividade chamados de filhos de *El* (KTU 5.I.13; 32.I,2,9,16,25,33). Além de *Yam*, *Mot* e *Anat*, *Baal* é chamado de filho de *El*:

KTU 1.3 V, 35–36

Suspirando, proferiu assim ao Touro El, seu pai:
El, o rei, que criou ele

Nesse texto, *Anat* está na presença de *El* requerendo a construção de um palácio para *Baal*. *Anat* se refere à *Baal* como “filho de *El*”, aquele que o criou.

O próprio *Baal* exalta *El* como aquele que formou e criou os deuses:

KTU 1.10 III,6–7

Eis! Nosso criador é eterno,
Eis! Imutável é ele que nos formou!

Fica claro que *El* é lido na literatura ugarítica como pai dos deuses, misericórdioso, imutável e criador das criaturas. Por esses motivos, os deuses o reverenciam como um deus ancião, pai dos anos⁹ e chefe conselheiro do panteão.

⁸ Para um estudo sistematizado dos epítetos das divindades cananeias, ver: RAHMOUNI, Aicha. **Divine Epithets in the Ugaritic Alphabetic Texts**. Leiden/Boston: Brill, 2008.

Com *El* no topo do panteão, aparece a sua esposa *Athirat*, a *Asherah* bíblica, que é descrita como mãe dos deuses¹⁰:

KTU 1.4 I,22

Preparem por favor! Um presente em reverência,
para a senhora *Asherah* do mar,
um presente de súplica para a progenitora dos deuses.

Os deuses foram chamados de “setenta filhos de *Asherah*” (KTU 1.4 VI, 46). Embora discute-se entre os estudiosos se *Asherah* em Ugarit exerce poder parecido do seu esposo *El*, não há dúvidas que ela tem forte influência em decisões referentes ao reinado cósmico (KTU 1.4 IV), e na participação do processo de decisão na escolha de um sucessor real para *Baal*:

KTU 1.6 I, 43–55

Em voz alta gritou *El*,
para a grande dama *Asherah* do mar:
escuta, óh grande dama *Asherah* do mar!
Dê-me um dos seus filhos para fazer-lhe rei.

No segundo nível, no qual aparecem divindades de maiores destaques, encontram-se deidades astrais que é atestado em KTU 1.43,2–3¹¹, mas em geral as divindades com essas características não são muito especificadas. Uma possível exceção para identificarmos uma família astral de *El* se encontra em KTU 1.10 I, 3–5:

O qual os filhos de *El* não conhecem (?)
A assembleia das estrelas
O círculo daqueles do céu

Em contexto diferente, podemos reforçar a opinião de que *El* possuía como filhos, divindades de caráter astral. *Shahar* (aurora) e *shalim* (crepúsculo) são dois filhos de *El*, de acordo com KTU 1.23,50–53. O deus-lua *Yarih* é identificado como o favorito de *El* em KTU 1.24.25. Em KTU 1.92,14–16 *Attart's* providencia carne para *El* e *Yarih*, e este presumivelmente deve ser um membro da casa celestial. O deus sol *Shapsu* aparece servindo mensageiros de *El* em KTU 1.6 VI. Outras divindades astrais

⁹ Ver KTU 1.4 IV, 24; KTU 1.2 I, 10.

¹⁰ Ver também KTU 1.4 VI, 46.

¹¹ Confira esse texto em: PARDEE, Dennis. **Ritual and Cult at Ugarit**. (Edited by Theodore J. Lewis). Atlanta: Society of Biblical Literature, 2002, p. 69-70.

de destaque são *Athtar* e *Athtart* (KTU 1.92,14–16) *Resheph*, que aparece em KTU 1.78¹².

Nesse segundo nível da família divina, *Baal*, *Yam*, *Mot* são deuses que competem pelo domínio cósmico e parecem exercer maiores influências na literatura ugarítica. Precisamos salientar que os mitos de Ugarit destacam o crescimento de *Baal* como deus vitorioso e obtendo o seu reinado, como descrito no Ciclo de *Baal–Yam* (KTU 1. 1–2) e *Baal–Mot* (KTU 1. 3–6)¹³. Nesses conflitos contra essas divindades que simbolizam o caos, *Baal* sai vitorioso e sua vitória é simbolizada pela construção de seu templo e consequentemente, a sua ascensão sobre os outros membros do panteão¹⁴.

A função do reinado cósmico de *Yam* nesses mitos não é certa. Mas ele aparece em KTU 1.2 III privilegiado com um palácio, símbolo da sua função como rei. Em KTU 2.1,17,33–34, ele é proclamado “senhor” por *El*. Esses textos demonstram que *Yam* foi visto em Ugarit como um poderoso monarca. Para obter o seu reinado, foi preciso *Baal* derrotar o seu rival, e assim tirar das mãos de *Yam* o reino cósmico:

KTU 1.2 IV 32

“Sem dúvida, Yam está morto,
Baal se transformou em rei...”

Nos textos ugaríticos, não temos a informação de como *Yam* se tornou rei. Mas temos nos textos indícios que esse reinado foi dado por *El*, pois ele é chamado de “amado de *El*” (KTU 1.1 IV, 20; 1.3 III, 38–39; 1.4 II, 34)¹⁵. Como personificação do mar, (KTU 1.1,21,23) *Yam* foi visto como o maior adversário para o estabelecimento da ordem no cosmos. Com a vitória, *Baal* se transformou no mais poderoso deus e digno de reinar o reino cósmico. Mesmo com a legitimação de *Yam* por *El* nos textos ugaríticos, a vitória de *Baal* foi aprovada por *El*. A conquista do seu reinado derrotando *Yam* habilita *Baal* a possuir o Monte Safon, o qual é associado com essa divindade nos textos ugaríticos. *Baal* é chamado de “cavaleiro das nuvens”, devido talvez ao topo da montanha que fica coberto por nuvens¹⁶.

¹² Para um estudo das divindades astrais em Ugarit, ver: SMITH, Mark S. **The Origins Of Biblical Monotheism: Israel Polytheistic Background and the Ugaritic Texts**. New York/Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 61- 66.

¹³ Confira Del Olmo Lete, 1981, p.155-213.

¹⁴ Ver: JR. E. Theodore Mullen. **The Assembly of Gods: The Divine Council in Canaanite and Early Hebrew Literature**. Michigan: Scholar Press, 1980, p. 46-84.

¹⁵ Confira Rahmouni, 2008, p.212-214.

¹⁶ Para um estudo mais aprofundado sobre a relação do Monte Safon e Baal ver a dissertação de mestrado de: MENDONÇA, Elcio Valmiro Sales de. **Monte Sião, Extremidade do Safon: Estudo da Influência da Mitologia Cananea na Teologia de Sião à Partir da Análise Exegética do Salmo 48**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2012.

Outro adversário cósmico para *Baal* foi *Mot*, o deus da morte, que reinou o submundo (KTU 1.4, VIII, 1–24) e desejou aumentar o seu poder, e reino no lugar de *Baal*:

KTU 1.4 VII, 47–52

Para que grite Mot em sua alma
se instrua o amado de El em seu interior:
você é o único que reinará sobre os deuses
e que verá saciados deuses e homens
e que saciará as multidões da terra.

O desejo de *Mot* é um conflito direto com *Baal* e tomar o poder das mãos do deus da tempestade e da fertilidade. O que *Mot* almeja é tirar a fertilidade da terra e provocar a escassez para reinar sobre o cosmos. O conflito é certo, pois segundo KTU 1.4, VII, 42–44 *Baal* proclama de sua montanha templo que nenhum rei se estabelecerá em seu domínio. No momento em que o reino de *Baal* está no seu ápice, *Mot* entra em cena para colocar perigo ao domínio da divindade fertilizadora. A luta dessas duas divindades pelo reino cósmico representa fertilidade e morte.

A progressão do mito envolvendo *Baal* e *Mot* é perceptivelmente coerente, pois depois de se livrar de *Yam*, o deus que representa as forças caóticas do mar, *Baal* terá que enfrentar o deus da morte, da infertilidade. Da mesma forma que *Yam*, os textos não explicam como *Mot* obteve o seu reinado. *Mot* é chamado de “amado de *El*”, e de “herói”:

KTU 1.4 VII, 46–47

Eu certamente enviarei um mensageiro
para o filho de El, Mot,
uma mensagem para o amado de El, o herói.

Assim como *Yam*, *Mot* tem um relacionamento especial com *El* e foi nomeado rei pela divindade. *Mot* representa uma força primária no universo, ou seja, a morte. *Baal* estendeu o seu domínio sobre as forças do mar caótico, agora deveria derrotar o deus da esterilidade e da morte. Somente assim o cosmos voltaria a ser seguro e fértil. *Baal* desce ao submundo para enfrentar *Mot* e seu destino é contado a *El* pelos mensageiros do deus da fertilidade:

KTU 1.5 VI, 9–10

Baal está morto, o vitorioso
pereceu o príncipe, o senhor da terra

Após esse acontecimento, *El* lamenta a derrota de *Baal* e um rito pela morte do deus tem início (KTU 1.5 VI, 11–25). O lamento de *El* revela um terrível efeito na

natureza da terra. A morte triunfou sobre a fertilidade. Parece-nos que *El* mesmo com o posto de deus chefe do panteão, respeita os domínios cósmicos e não influencia nas lutas entre as divindades que governam cada região do cosmos.

Após o triunfo do deus da morte, *Anat*, a deusa guerreira nos textos ugaríticos, começa a buscar por *Baal* (KTU 1.5 VI, 26–31). Após sepultar *Baal* e oferecer ela própria um sacrifício pela morte do deus da tempestade no Monte Safon ao lado de *Shapsu* (KTU 1.6 I, 11–31), ela confirma à *El* a morte de *Baal* (KTU 1.6 I 32–43). *El* e *Asherah* escolhem *Attar* como substituto para *Baal*, mas *Attar* é incapaz da posição (KTU 1.6 I 53–65). A natureza e a ordem do cosmos estão em grande perigo, pois ninguém é capaz de governar no lugar de *Baal*.

No final do Ciclo de *Baal–Mot*, lemos que *Anat*, a companheira guerreira de *Baal*, agarra *Mot* e exige o retorno de seu irmão do submundo cósmico (KTU 1.6 II, 9–12). *Mot* se nega e reconta como derrotou o deus da tempestade (KTU 1.6 II, 13–23). *Anat* ataca-o e o mata:

KTU 1.6 II, 30–35

Ela agarrou o filho de El, Mot
ela perfurou ele com uma espada
ela espalhou ele como uma peneira
ela queimou ele no fogo
ela triturou ele como pedras de moinho
ela semeou ele no campo

Mot foi totalmente destruído em um ritual de plantação para produzir a fertilidade. *Anat* frustra os planos de *Mot* de estender o seu reinado até os domínios de *Baal*. Com a derrota de *Mot*, *Baal* revive. *El* em uma visão descobre que *Baal* ressuscitou:

KTU 1.6 III, 20–21

Eis! Baal o vitorioso vive!
Certamente o príncipe,
o senhor da terra existe!

Baal revive e a ordem triunfa sobre as forças caóticas da morte.

Anat que é narrada nesses textos com destaque, pertence ao grupo de divindades de maior importância em Ugarit. Ela é irmã de *Baal* e filha de *El* (KTU 1.3 V, 26–28). Seu relacionamento com *Asherah* parece sugerir que ela não seja de sua descendência. Demonstra extrema violência e autoridade diante do deus chefe dos

deuses, *El* (KTU 1.3 V, 19–25). Ela é descrita com poder enganador e furioso no panteão. Mas a chave para entender *Anat* é seu forte amor por seu irmão, *Baal*¹⁷.

No terceiro nível cósmico vemos *Kothar –Wa– Hasis* como o deus artesão em Ugarit por excelência. Ele serve os dois graus da família divina e é solicitado por *El* para a construção de um palácio para *Baal* (KTU 1.1 III). Além do palácio, fabrica uma arma para *Baal* (KTU 1.2 IV). *Kothar* ocupa um lugar abaixo das grandes divindades do panteão, e como servo divino, desenvolve várias funções para as grandes deidades. *Kothar* não serve apenas as divindades com sua mão–de–obra, mas também com seus conselhos, palavras e sabedoria (KTU 1.4 VII).

Assim como as casas familiares em Ugarit, o panteão também tem os seus trabalhadores, servos e mensageiros divinos. Podemos identificar no último nível, deuses menores que servem a um grande deus guerreiro (KTU 1.5 V).

Portanto, seguindo a estrutura familiar divina de Smith¹⁸, com algumas variantes propostas para essa pesquisa, os níveis da família divina de acordo com suas hierarquias são:

Nível 1: O deus ancião *El* e sua esposa *Asherah*

Nível 2: Os filhos divinos: *Attart* e *Athtar* (a noite e a estrela da manhã);

Shapsu (sol); *Yarih* (lua); *Shahar* (aurora); *Shalim* (crepúsculo);

Resheph (Marte?); *Baal* (deus da Tempestade); *Yam* (deus do mar);

Mot (deus da morte); *Anat* (deusa guerreira);

Nível 3: *Kothar–Wa–Hasis* (deus artesão)

Nível 4: trabalhadores divinos: mensageiros, porteiros, servos.

Algumas dessas divindades aparecem na Bíblia Hebraica, a qual passaremos a analisar.

Ugarit e o Antigo Israel

As descobertas no sítio de Ugarit trouxeram novas informações sobre as divindades que eram mencionadas na Bíblia Hebraica negativamente. Os estudiosos puderam obter uma “outra versão” dos fatos. O pensamento de que o antigo Israel, na

¹⁷ Ver: SMITH, Mark S; PITARD, Wayne T. **The Ugaritic Baal Cycle: Introduction With Text, Translation and Commentary of KTU/CAT 1.3-1.4 (Vol. II)**. Supplements to Vetus Testamentum: Leiden/Boston, 2009, p. 48-49.

¹⁸ Confira SMITH, 2006, p.151. Smith não inclui em sua lista as divindades *Anat*, *Mot* e *Baal*, embora ele reconheça que essas divindades apareçam com bastante destaque na mitologia ugarítica.

sua origem, foi monoteísta, e depois influenciado por diversos fatores, tornara-se politeísta é ponto descartado na pesquisa atual. O que aconteceu foi o inverso. Israel participou da cosmovisão do Antigo Oriente Próximo em que cultuar diversas divindades foi normativo. A redação final dos textos da Bíblia Hebraica filtrou as narrativas polemizando contra os cultos das divindades da fertilidade. Para esses redatores, somente o deus *Yahweh* deve ser adorado. Para reforçar nossa argumentação, destacaremos duas divindades que aparecem nos manuscritos de Ugarit discutidos acima e que aparecem também na Bíblia Hebraica: os deuses *El* e *Baal*.

EL e Baal na Bíblia Hebraica

O início de Israel se deu nas montanhas de Canaã, existindo como um “subgrupo” dos cananeus¹⁹. Uma estela do Faraó Merneptá (1213-1203 AEC) contém a descrição de uma campanha militar no Levante. Vários povos derrotados são descritos e Israel aparece não como um “país”, mas sim, como um grupo de pessoas. Determinante para a nossa pesquisa é que o nome “Israel” aparece na estela e não “Isra-**yahu**”²⁰, o que indicaria pela composição do nome pela partícula “yahu” que esses proto-israelitas fossem adoradores desde o seu surgimento do deus *Yahweh*. O nome “Isra- **el**”, com a partícula “el” fornece com toda a probabilidade que o deus cabeça do panteão cananeu *El* foi adorada entre esses primeiros israelitas.

A própria Bíblia Hebraica testemunha que *Yahweh* foi introduzido “a partir de fora” no panteão dos primeiros israelitas. Essa divindade não pertencia ao panteão cananeu pois não encontramos nenhuma menção dessa divindade nos escritos de Ugarit. Assim, onde surgiu *Yahweh*? Uma pista se encontra em Juízes 5, 4-5 que diz²¹:

Yahweh! Quando saíste de Seir, quando avançaste nas planícies de Edom, a terra tremeu, troaram os céus, as nuvens desfizeram-se em água. Os montes deslizaram na presença de Yahweh, o do Sinai, diante de Yahweh, o deus de Israel.

¹⁹ Sobre esse assunto ver: LIVERANI, Mário. **Para Além da Bíblia: História Antiga de Israel**. São Paulo: Paulus/Loyola, 2008, p. 81-106.

²⁰ Nomes teofóricos são indícios de adoração de uma determinada divindade e seu desenvolvimento em determinados períodos. Nomes como de Isayahu (Isaías), Elyahu (elias) ou Irmeyahu (Jeremias) são exemplos de nomes cuja partícula com o trecho do nome do deus *Yahweh* (Yah) aparece.

²¹ As citações bíblicas dessa pesquisa são da Bíblia de Jerusalém.

Essa descrição teofânica colabora com a ideia de que, numa antiga tradição, *Yahweh* veio do sul da Transjordânia, na região desértica de Edom. Em Gênesis 25, 19-34 o patriarca Jacó, lido na tradição como o antepassado de Israel, e Esaú, antepassado de Edom, são irmãos. Talvez o culto para adoração de *Yahweh* foi introduzido em Israel pelos edomitas ou por semi-nômades dessas áreas desérticas. Madiã aparece também como indício das origens do culto yahwista (Êx 2-4), mas a discussão sobre esse tema na pesquisa bíblica ainda carece de consenso²².

Yahweh foi concebido a partir de sua entrada no panteão como um “filho de *El*”, assim como outros deuses cananeus. Dt 32, 8-9 testemunha nossa afirmação:

Quando Elyon repartia a herança para as nações e quando espalhava os filhos de Adão, ele estabeleceu os territórios dos povos, conforme o número dos filhos de *El*. Mas a parte de *Yahweh* foi o seu povo, o lote de sua herança foi Jacó.

O texto é claro: *Elyon*, epíteto de *El*, reparte as nações soberanamente para seus filhos divinos. Para o seu filho *Yahweh*, *El* reserva Israel.

Outros textos na Bíblia Hebraica demonstram a influência de *El* no culto do antigo Israel. Relatos estes que mostram que os antepassados dos israelitas foram adoradores de *El*. Êxodo 6, 2-3 afirma categoricamente:

Deus falou a Moisés e lhe disse: “Eu sou *Yahweh*. Apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como *El Shaday*; mas meu nome, *Yahweh*, não lhes fiz conhecer”.

Os autores dessa narrativa estão conscientes de que os patriarcas foram adoradores de outras divindades cananeias. O patriarca Abraão aparece diversas vezes conversando com *El shaday*²³. Jacó em Gn 28,10-22 erige um altar de nome Betel que significa literalmente “casa do deus *El*”. Esse altar, posteriormente na monarquia israelita, vai se transformar em altar de *Yahweh* pelo rei Jeroboão I (I Reis 12,26-33). Jeroboão I reinou em 931-909 AEC e foi o primeiro rei de Israel após a separação dos reinos, tornando-se independentes dois reinados, o lado norte, Israel, e o lado sul, Judá²⁴. A partir de então,

²² Ver também Dt 33,2; Hab 3,3. Sobre o debate a respeito da origem da adoração de *Yahweh* ver: GERSTENBERGER, Erhard S. **Teologias do Antigo Testamento: Pluralidade e Sincretismo da Fé em Deus no Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2007, p. 169-185.

²³ Gn 14, 18-24; 17,1-8.

²⁴ O reino unido das 12 tribos de Israel debaixo de uma única monarquia está cada vez mais sendo contestada na pesquisa atual do antigo Israel. Não temos condições nesse artigo de discutir a complexidade do debate. Sugiro a leitura de: LIVERANI, 2008, p. 375-388.

provavelmente, as tradições de *El* e *Yahweh* vão se fundir paulatinamente e essas divindades serão entendidas como uma só.

Baal aparece muitas vezes nas páginas da Bíblia Hebraica. Por ser um deus da tempestade e deus guerreiro competiu com *Yahweh* por essas atribuições no culto praticado pelos antigos israelitas e judaitas. Nos relatos do personagem Elias, principalmente encontrados nos capítulos de I Reis 18, 20-40, narra-se um terrível confronto entre o profeta de *Yahweh* e os profetas de *Baal*. Coloca-se diante do leitor ou do ouvinte algumas questões: quem é deus de verdade? Quem é o verdadeiro deus da tempestade? Os relatos terminam com a vitória do deus *Yahweh* e a consequente morte de todos os profetas de *Baal* e posteriormente (II Reis 9,30-37) da rainha fenícia Jesabel, esposa do rei Acab (873-852 AEC) que casou com Jesabel para fortalecer laços políticos com os fenícios e que gerou uma maior influência do culto da divindade cananeia no reino do norte.

Alguns salmos poderiam ter sido compostos, em um primeiro momento, em louvor a *Baal* antes de se tornar um salmo yahwista. O Salmo 29 louva *Yahweh* do seguinte modo:

Tributai a *Yahweh*, ó filhos de Deus, tributai a *Yahweh* glória e poder, tributai a *Yahweh* a glória ao seu nome, adorai a *Yahweh* no seu esplendor sagrado. A voz de *Yahweh* sobre as águas, o Deus glorioso troveja, *Yahweh* sobre as águas torrenciais. A voz de *Yahweh* com a força, a voz de *Yahweh* no esplendor!

Os atributos de *Yahweh* são os mesmos de *Baal* em Ugarit. Ele é adorado como deus da tempestade e da ordem que, com seu domínio, controla as forças caóticas. Desse modo, o salmista está em aberta polêmica contra o culto de *Baal*, afirmando nesse cântico que *Yahweh* é o deus da tempestade e domina as forças ameaçadoras do caos, não *Baal*.

Considerações finais

Nesse breve estudo, tentamos demonstrar a importância das pesquisas em torno da cidade de Ugarit e para o estudo da Bíblia Hebraica, principalmente para esclarecer pontos obscuros do antigo Israel. Ugarit foi uma cidade cosmopolita que considerava de suma importância a religião e os cultos de diversas divindades. Cada divindade tinha uma função clara para a vida das pessoas comuns e da casa real. Existiam deuses e

deusas legitimadoras da monarquia e deidades que participavam do dia-a-dia das pessoas provendo a fertilidade da agricultura, proteção contra doenças, etc.

Israel surgiu posteriormente quando Ugarit já estava destruída. Mesmo assim, divindades cananeias continuaram a ocupar espaço nessa nova entidade territorial, como verificamos ao mencionar duas delas, *El* e *Baal*. Israel e Judá participaram da grande cultura do Antigo Oriente Próximo, adotando diversas divindades em seus diversos lugares de culto, inclusive no templo de Jerusalém (II Reis 23, 4-27). Posteriormente, entre os séculos V/IV AEC, essas divindades foram substituídas definitivamente por *Yahweh*.

Referências

GERSTENBERGER, Erhard S. **Teologias do Antigo Testamento: Pluralidade e Sincretismo da Fé em Deus no Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2007.

HANDY, Lowel K. **Dissenting Deities or Obedient Angels: Divine Hierarchies in Ugarit and the Bible**. *Biblical Research*, 35, 1990.

JR. E. Theodore Mullen. **The Assembly of Gods: The Divine Council in Canaanite and Early Hebrew Literature**. Michigan: Scholar Press, 1980.

LETE, Gregorio Del Olmo. **Mitos y Leyendas de Canaan Segun la Tradicion de Ugarit**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981.

LIVERANI, Mário. **Para Além da Bíblia: História Antiga de Israel**. São Paulo: Paulus/Loyola, 2008.

MENDONÇA, Elcio Valmiro Sales de. **Monte Sião, Extremidade do Safon: Estudo da Influência da Mitologia Cananea na Teologia de Sião à Partir da Análise Exegética do Salmo 48**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2012.

PARDEE, Dennis. **Ritual and Cult at Ugarit**. (Edited by Theodore J. Lewis). Atlanta: Society of Biblical Literature, 2002.

RAHMOUNI, Aicha. **Divine Epithets in the Ugaritic Alphabetic Texts**. Leiden/Boston: Brill, 2008.

SCHNIEDEWIND, Willian M; HUNT, Joel H. **A Primer on Ugarit: Language, Culture and Literature**. Cambridge: University Press, 2007.

SMITH, Mark S. **The Origins Of Biblical Monotheism: Israel Polytheistic Background and the Ugaritic Texts**. New York/Oxford: Oxford University Press, 2001.

SMITH, Mark S. **The Ritual Miths of the Feast of the Goodly Gods of KTU/CAT 1.23: Royal Constructions of Opposition, Intersection, Integration and Domination (Resources for Biblical Studies)**. Atlanta: Society of Biblical Literature, (nº 51), 2006.

SMITH, Mark S; PITARD, Wayne T. **The Ugaritic Baal Cycle: Introduction With Text, Translation and Commentary of KTU/CAT 1.3-1.4 (Vol. II)**. *Supplements to Vetus Testamentum*: Leiden/Boston, 2009.

SMITH, Mark, S. **O Memorial de Deus: História, Memória e a Experiência do Divino no Antigo Israel**. São Paulo: Paulus, 2006.